

Vitor de Angelo

É historiador, doutor em Ciências Sociais e professor da UUV

E-mail: vitor.angelo@uvv.br

/// Vitória vem se tornando um lugar sem memória, que vive só seu próprio presente, como numa eterna tábula rasa renovada a cada dia pela destruição do passado

Passado

Vitória repete, em muitas coisas, as piores práticas de outras importantes cidades brasileiras. A pretexto de incentivar o desenvolvimento local, a cidade não vem conseguindo aliar o passado que ainda vive através do seu patrimônio histórico com os empreendimentos econômicos recentes e a necessária ampliação da infraestrutura urbana da capital.

Assim, parece reafirmar a falsa ideia de que só existe um tipo de desenvolvimento, e que este necessariamente precisa destruir aquilo que nos garante identidade e pertencimento: o passado que nos cerca através do traçado das ruas, da arquitetura das casas e dos edifícios, do desenho das praças, do paisagismo das alamedas e das lembranças que tantos outros “lugares de memória” proporcionam diariamente. A cidade tem negligenciado o que deveria ser enaltecido, agregando ainda mais valor ao investimento econômico e à construção de uma cidade moderna.

Recentemente, um dos poucos casarões que restava no bairro da Praia do Canto foi colocado abaixo numa só noite, cedendo lugar a mais uma unidade de uma grande rede brasileira de farmácias – numa cidade já repleta delas. Há alguns anos, uma das principais avenidas da Capital teve seu traçado, de 1885, modificado para atender

às exigências do tráfego de veículos provocado pela construção da nova sede da Petrobras. Neste ano, o prefeito reeleito de Vitória ressuscitou a ideia amplamente rechaçada por moradores de cortar uma praça histórica do município a fim de facilitar o trânsito local, sobrecarregado pelo fluxo de veículos que fazem a travessia para Vila Velha através da Terceira Ponte.

Esses três exemplos recentes mostram como estamos de costas para nosso passado. São pontuais e lentas as medidas tomadas para preservar o patrimônio histórico da Capital, enquanto o movimento de sua destruição é amplo e vertiginoso. Nossas elites parecem míopes em relação ao modelo que vem das cidades europeias, em que tradição e modernidade caminham em aliança, sabedoras que são de que também a história pode ser capitalizada e transformada em fonte de lucro. Ao mesmo tempo, os munícipes parecem nem notar ou se importar com a eliminação dos traços da memória urbana, rendendo-se ao discurso mais óbvio de que é para frente que se anda.

Vitória vem se tornando um lugar sem memória, que vive apenas seu próprio presente, como numa eterna tábula rasa renovada a cada dia pela destruição do passado. Nesse embate, tem vencido a lógica dos investimentos descompromissados com nossa história. E, assim, perde a cidade a grande chance de se modernizar sem abandonar sua essência mais humana, aliando a valorização do seu patrimônio com o desenvolvimento econômico da capital.